

**A cultura afro-brasileira discutida em contextos não formais de educação:
anotações sobre @uma_intelectual_diferentona**

**Afro-Brazilian culture discussed in non-formal educational contexts: notes on
@uma_intelectual_diferentona**

**La cultura afrobrasileña discutida en contextos educativos no formales: notas sobre
@uma_intelectual_diferentona**

*Maria Eduarda Duca Milano¹
Daniela Nery Bracchi²*



<https://doi.org/10.28998/2175-6600.2024v16n38pe17992>

Resumo: Este artigo busca discutir o tratamento do tema da história e cultura afro-brasileira em contextos de educação não formal. Para isso, toma-se como fio condutor de nossa investigação um perfil da rede social Instagram, o da professora e pesquisadora Bárbara Carine Soares Pinheiro (@uma_intelectual_diferentona). A partir de uma metodologia bibliográfica, observa-se criticamente o lócus específico de uma rede social online e as possíveis relações dos jovens com a discussão sobre cultura afro-brasileira no espaço virtual. Além disso, avança-se para um percurso metodológico de cunho mais analítico, que versa sobre a conotação dos conteúdos visuais apresentados e orienta a percepção da construção visual do corpus abordado. Por fim, entende-se o perfil analisado como uma iniciativa que compõe uma nova perspectiva de relações pedagógicas não formais e um possível caminho para construir formas de ensinar sobre si e o outro.

Palavras-chave: Cultura afro-brasileira. Educação não formal. Visualidade. Instagram.

Abstract: This text aims to discuss the treatment of the theme of Afro-Brazilian history and culture in non-formal education contexts. To this end, we take as the guiding thread of our investigation a profile on the social network Instagram, that of professor and researcher Bárbara Carine Soares Pinheiro (@uma_intelectual_diferentona). Using a bibliographic methodology, we critically observe the specific locus of an online social network and the possible relationships of young people with the discussion about Afro-Brazilian culture. Furthermore, a more analytical methodological approach is adopted, which deals with the connotation of the visual content presented, and guides the perception of the visual construction presented in the profile. Finally, the analyzed profile is understood as one of the initiatives that make up a new perspective on non-formal pedagogical relationships and a possible path to building ways of teaching about oneself and others.

Keywords: Afro-brazilian culture. Non-formal education. Visuality. Instagram.

¹ Universidade Federal de Pernambuco. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1787906255854148>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7843-9828>. Contato: mariaeduardaduca@gmail.com.

² Universidade Federal de Pernambuco. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6149456459123478>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3247-0202>. Contato: daniela.bracchi@ufpe.br.

Resumen: Este artículo busca discutir el tratamiento del tema de la historia y la cultura afrobrasileña en contextos de educación no formal. Para ello, tomamos como hilo conductor de nuestra investigación un perfil en la red social Instagram, el de la profesora e investigadora Bárbara Carine Soares Pinheiro (@uma_intelectual_diferentona). Utilizando una metodología bibliográfica, se observa críticamente el locus específico de una red social en línea y las posibles relaciones de los jóvenes con la discusión sobre la cultura afrobrasileña. Además, se adopta un enfoque metodológico más analítico, que aborda la connotación del contenido visual presentado y orienta la percepción de la construcción visual presentada en el perfil. Finalmente, el perfil analizado se entiende como una más de las iniciativas que configuran una nueva perspectiva sobre las relaciones pedagógicas no formales y un camino posible para construir formas de enseñar sobre uno mismo y los demás.

Palabras clave: Cultura afrobrasileña. Educación no formal. Visualidad. Instagram.

1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é refletir criticamente sobre os modos pelos quais a história e cultura afro-brasileira vem sendo discutidas em espaços não formais de educação, especialmente aquele das redes sociais. O contexto desta pesquisa inicia pela constatação de que a discussão sobre a história e cultura afro-brasileira foi fomentada pela Lei n.º 11.645/08. É uma modificação da Lei n.º 10.639/03 e que trata da atualização no currículo escolar brasileiro do ensino de *História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena*. A existência de tais esforços legislativos se dão no sentido de ampliar os olhares para as minorias por meio da educação. Partimos, então, de um exemplo específico de um perfil no Instagram para pensar sobre a reverberação das discussões sobre história e cultura afro-brasileira no contexto não formal de educação.

O surgimento destas leis acompanha a busca de uma reparação histórica com a população negra no Brasil e está ao lado de outras iniciativas, como a instauração da Lei de cotas (Lei n.º 12.711/2012) e o recém-criado Ministério da Igualdade Racial. Apesar de serem iniciativas que almejam primordialmente a educação formal, os modos pelos quais essa discussão alcança a juventude são multifacetados.

Esses assuntos estão presentes na escola, assim como no contexto não formal, sendo o principal deles o contexto online, no qual os jovens se deparam com esses conteúdos nas redes sociais trazidos por influenciadores digitais. São experiências de contato com o tema especialmente relevantes, uma vez que os jovens vivenciam fortemente o âmbito das redes sociais e esses espaços configuram-se como um importante canal de discussão e informação (XYPAS, 2018).

Observar esses jovens em espaços online é fundamental para buscar a associação entre políticas públicas existentes, formação de professores e perspectivas desses jovens para com a sociedade. Os professores estão formando uma nova geração que diverge do que lhes foi ensinado, já que esses estão imersos em tecnologias e abrangência de



acesso sobre inúmeros conteúdos. Hoje, é necessário que os professores conheçam cada vez mais sobre o universo online, percorrendo caminhos de diálogos com os discentes também no universo virtual.

Enquanto docente, apontamos ainda a relevância pessoal para realização deste artigo, uma vez que uma das autoras ocupa o espaço de jovem negra que enxerga a desigualdade social e racial na educação brasileira e tem em vista pensar essa experiência particular em um contexto mais abrangente. O sociólogo Charles Wright Mills (1982) chamou de imaginação sociológica a capacidade de pensar em como vivemos nossas vidas e como elas estão conectadas com as situações ocorridas na sociedade.

Dessa maneira, a relevância social ocorre na procura por entender como incluir o povo negro, as quais são maioria racial no país, na formação educativa dos jovens. Ademais, surge uma relevância profissional quando existe um sentimento de falta de formação para acompanhamento, enquanto professora, de uma geração conectada que coloca debates do online para dentro da sala de aula. Por fim, é um debate sobre questões étnico-raciais na academia, algo que precisa ser constante para uma cobrança de efetividade, pensando na construção igualitária do espaço educacional brasileiro.

Avançamos na feitura deste artigo com a abordagem, a seguir, das principais perspectivas teóricas que orientam nossas discussões e apresentação do percurso metodológico. Continuamos, então, com a reflexão crítica sobre um perfil específico na rede social, que nos permite pensar o tratamento do tema da história e cultura afro-brasileira em contextos de educação não formal.

2 CAMINHOS TEÓRICOS PARA COMPREENSÃO DO TEMA

Podemos entender os jovens de hoje como uma geração social (FERREIRA, 2020). Isso significa que tiveram a oportunidade de entender a existência de sintomas de mudanças sociais que são estruturais. Ainda sim, não se pode entender uma geração como a suposição de que as pessoas que a compõem tenham uma realidade social que seja única e imutável. Sabemos que, no caso dos jovens, há uma geração imersa no contexto de novas condições materiais de existência, que enfrentam novas realidades transicionais desafiadoras do curso de suas vidas, além de dificuldades que serão marcantes pela emergência predominante da experiência online nas redes sociais, como já apontado por Palfrey e Gasser (2011).



Dito isso, há uma geração de jovens específica sobre a qual vale voltarmos nosso olhar. É a geração Z, identificada como aquela iniciada no final do século XX, juntamente com a passagem da terceira para a quarta revolução industrial (EMMANUEL, 2020). O nascimento de seus integrantes está situado entre o ano de 1995 até o de 2010, uma virada de século que ocasionou algumas mudanças sociais. Diante disso, a tecnologia é uma dessas modificações do século que cresce e desenvolve-se juntamente com essa geração e as subsequentes. O campo online passa a ter uma presença tão marcante quanto às atividades vivenciadas fora dele e não mais algo para poucos jovens, como acontecia no século XIX e seus anteriores. A geração Z é um grupo de jovens que aprende sobre tecnologia, utilizando-a sem muitas recomendações e consciência de suas consequências.

Uma parcela desses indivíduos obteve contato efetivo com a Lei n.º 11.645/08 nas escolas, já que sua criação de fato ocorreu no século XXI e sua geração iniciou em 1995. Isso gerou uma divergência de acesso à informação de uma mesma geração sobre a temática da lei, onde caminhos diferentes foram tomados para suprir essa ausência de formação do pensamento social para alguns desses jovens. Logo, a busca por informações nos espaços além da educação formal foi necessário para o preenchimento dessa lacuna educacional sobre questões étnico-raciais. Cria-se, assim, uma possível parcela da geração que aprendeu sobre a história e cultura afro-brasileira através da educação informal ou não formal, provavelmente sem o devido aprofundamento sobre o tema. Percebe-se, portanto, a necessidade de acompanhamento de diálogos críticos sobre a temática para além do espaço físico e institucional da escola formal.

Para a discussão que buscamos realizar neste artigo, tomamos como corpus um perfil de rede social. Bárbara Carine Soares Pinheiro possui no Instagram o perfil @uma_intelectual_diferentona, que tem se destacado no universo online por possuir 400 mil seguidores, tendo sido criado em 2013. Ainda é um quantitativo menor do que algumas celebridades que dentro de uma cultura de massa se propuseram a comentar sobre o tema, como é o caso do ex-integrante do Big Brother Brasil, João Luiz Pedrosa, que possui 2,5 milhões de seguidores. Para se ter uma ideia do alcance que uma figura pública que trata sobre esses temas pode ter, observamos que a pesquisadora e filósofa Djamila Ribeiro tem mais que o triplo de seguidores de Pinheiro, alcançando um milhão e trezentos mil seguidores.

Pinheiro apresenta-se como uma interessante atriz protagonista na discussão sobre história afro-brasileira, uma vez que é fundadora da primeira instituição de ensino



afro-brasileira registrada em uma secretaria de educação do Brasil. Dessa maneira, entendemos que o conteúdo exposto em seu perfil possui um impacto e alcance expressivo. As discussões fomentadas no espaço online constituem, portanto, um locus não formal de abordagem do tema para o público jovem.

No contexto virtual, sabemos que o espaço das redes sociais é utilizado na busca e na exposição do conhecimento. Sites como YouTube, Instagram, Twitter, Facebook e afins, facilitam o diálogo com a população negra na busca do seu semelhante e de sua origem. Esse contexto tem atores importantes como o Geledés - Instituto da Mulher Negra, Alma Preta e influenciadores digitais como Murilo Araújo, Lorena Santos, João Luiz Pedrosa e Gabriela Oliveira. Pinheiro insere-se nesses bons exemplos de influenciadores que fazem a discussão de conteúdos que articulam a negritude com outros temas no universo online. Logo, seja para plantar uma semente sobre a consciência racial, questionar legislações ou ampliar o saber sobre si, espaços como o perfil de Pinheiro são locais nos quais os jovens podem encontrar um aprofundamento para além dos poucos minutos em que esses temas são tratados nas redes sociais.

Com isso, existe sim um benefício nessa acessibilidade, mas precisa ser acompanhado de uma discussão sobre como o jovem pode realizar a curadoria de conteúdos entre tantas opções disponíveis, conforme alerta Cortella & Dimenstein (2015). Espaços como o YouTube ou o Instagram possibilitam espalhar informações de diversas temáticas de forma mais rápida e até breve para um público maior. O que leva à existência de bilhões de informações sobre o mesmo tema com várias perspectivas e formas de narrativas, necessitando de alguns filtros para se chegar ao conteúdo desejado pelo usuário.

O Instagram é uma das redes sociais mais utilizadas pelos jovens e nela predomina o uso de fotos e vídeos curtos, os *reels*, que tem entre 15 e 30 segundos. Além disso, possui a possibilidade de *live*, reuniões ao vivo que podem ser acompanhadas pelos seguidores. Costuma ser uma rede social utilizada para informar de forma mais rápida e isso possui benefícios e malefícios, uma vez que a abordagem de forma breve de determinados temas pode não contemplar a profundidade que tais assuntos merecem, o que pode contribuir para o fenômeno da desinformação.

Já o YouTube é uma plataforma na qual predominam vídeos de longa duração. É um site mais antigo que o Instagram (o primeiro fundado em 2005, enquanto o Instagram é de 2010) e que opera de forma mais articulada com outros espaços online. Os comentários são o ponto de interação entre os assinantes dos canais, nos quais se



realizam trocas entre quem produz o conteúdo e quem acompanha. Ou seja, é possível aprofundar e inclusive aprender sobre diversos assuntos nessa plataforma, com vídeos de longa duração. Diversos influenciadores rentabilizam os vídeos e conseguem fazer disso seu trabalho, organizando e produzindo conteúdo para o público que acompanha essa plataforma. Já outros perfis apenas armazenam ali seus vídeos e dividem-se em outras atividades, enquanto também existem usuários que instrumentalizam o YouTube como espaço para explicar e ampliar melhor os tópicos abordados em outras redes sociais.

Somando estas duas redes sociais a outras plataformas, percebemos que o acesso à informação que os jovens possuem nas redes sociais é vasto. Dentro desse universo encontram-se imagens, vídeos ou comentários que vão do humor até o jornalismo. A pluralidade de temas anda em paralelo com os diversos modos que podem ser empregados para compreendermos criticamente esse universo. Por isso, a seguir, debruçamo-nos na metodologia empregada para abordar criticamente o perfil que Bárbara Carine Soares Pinheiro possui no Instagram, como forma de agenciar algumas discussões sobre as possibilidades de tratamento do tema da história e cultura afro-brasileira num lócus não formal de educação.

3 METODOLOGIA

O percurso metodológico que empregamos para uma discussão crítica do perfil de Bárbara Carine Soares Pinheiro na rede social do Instagram inicia-se com uma abordagem bibliográfica. Quando aplicada à compreensão de textos verbo-visuais, esta perspectiva permite contextualizar, analisar e interpretar uma obra de maneira mais aprofundada, tal como um perfil de rede social. A partir deste corpus, buscamos observar as estratégias de aproximação do tema da cultura afro-brasileira que se dão de forma online. São modos de mostrar, narrar e vivenciar a cultura afro-brasileira que fomentam a disseminação de conteúdos ligados à Lei n.º 11.645/08 no contexto não formal de educação.

Os aspectos visuais e narrativos apresentados no perfil escolhido serão observados a partir dos caminhos analíticos propostos por Gemma Penn (2007). A autora orienta a discussão de materiais visuais a partir da observação dos valores conotados na imagem, conforme apresentado no capítulo *Análise Semiótica de Imagens Paradas*, presente no livro *Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som*. Penn nos guia por um método de análise que inicia-se na escolha das imagens, ponderando que tal ação deve



considerar a disponibilidade do material, o objetivo da análise e quão profunda ou extensa ela poderá ser.

Após a escolha do material de análise, segue-se o processo de identificação dos principais elementos da imagem. Esta é uma etapa que deve ser minuciosa, na qual deve-se listar todos os elementos e não apenas os que reafirmam a linha de análise escolhida e esta etapa da investigação é conhecida enquanto estágio denotativo da análise.

Já a terceira etapa desse método parte do inventário denotativo para analisar as imagens de forma conotativa. O objetivo dessa etapa é tanto tentar entender a relação desses elementos entre si, como também buscar as significações subconscientes, uma vez que estabelece as possíveis relações temporais e sociais presentes nas imagens. Busca-se levantar quais sensações e sentimentos são despertados no espectador dessas imagens. Portanto, é com base nessa metodologia que vamos analisar uma amostragem do perfil de Bárbara Carine Soares Pinheiro na rede social do Instagram.

4 BÁRBARA CARINE SOARES PINHEIRO (@UMA_INTELECTUAL_DIFERENTONA)

Bárbara Carine Soares Pinheiro se apresenta como mãe, professora, negra, educadora e doutora pela Universidade Federal da Bahia. Em seu perfil, um dos temas mais presentes é a escola Maria Felipa, fundada por ela e a primeira instituição de ensino afro-brasileira registrada em uma secretaria de educação do Brasil (SALES, 2023). Além disso, Pinheiro é escritora, e defende o letramento racial como forma de mudança social, argumentando que foi isso que a levou a fundar a escola Maria Felipa. Suas redes sociais expõem um pouco de sua rotina e as dificuldades raciais que vivencia, demonstrando, assim, a relevância do letramento como ferramenta combativa para quebra de preconceitos raciais existentes no país.



Figura 1: Abertura do perfil de Bárbara Carine Soares Pinheiro.



Fonte: Adaptado de <https://www.instagram.com/uma_intelectual_diferentona/>. Acesso em 23/12/2023.

Acima (Figura 1), observamos que o Instagram de Pinheiro conta com 400 mil seguidores. Seu perfil exhibe majoritariamente divulgações de palestras e eventos que a intelectual participou, além de vídeos curtos nos quais ela aparece em sua residência comentando criticamente temas ligados à cultura afro-brasileira e direitos raciais. São produções na qual ela figura frente a um fundo branco e verde, com poucos objetos atrás. Pinheiro veste roupas leves, geralmente com estampas florais e, na categoria de *stories*, às vezes aparece com roupas esportivas, demonstrando sua rotina.

Além disso, suas expressões corporais e faciais descrevem tons de raiva, ironia, alegria ou tristeza. São sentimentos gerados pelas notícias sobre situações racistas ou algumas vitórias dos negros na atualidade. Sua fala é composta por autores e elementos acadêmicos para embasar suas ideias e pensamentos, ou menções a outros especialistas e intelectuais atuais. Possui destaques sobre alguns temas, expostos para aqueles que desejam compreender melhor sobre assuntos que cercam a população negra na área educacional e política.

Pinheiro expõe questões relativas à cultura afro-brasileira com uma linguagem coloquial e de fácil entendimento para a maioria das pessoas. Observa-se uma preocupação com o conteúdo de qualidade, educativo e crítico, bem como provocações que fazem o seguidor refletir sobre questões raciais articuladas na educação, política, economia e cultura.

O perfil de Pinheiro pode ser compreendido enquanto um espaço de educação não formal na medida em que caminha pelo viés de liquidez e direcionamento da perspectiva do indivíduo, com intervenções que buscam ampliar perspectivas do cidadão sobre si e ao seu redor. A educação não formal é definida como “um processo sociopolítico, cultural e pedagógico de formação para a cidadania [...], ela designa um conjunto de práticas socioculturais de aprendizagem e produção de saberes [...]” (LIMA; BONA, 2020, s.p.). Logo, percebe-se uma estruturação de conteúdo para exibição em seu perfil, ainda que seja feito de modo informal e espontâneo.

De um modo mais geral, a educação não formal fica em uma linha tênue entre o formal e informal, o que acaba por não obrigar alguns dos tópicos abordados em espaços como o perfil de Pinheiro a estarem na grade formal de educação. Ainda assim, vê-se uma possível troca entre o que existe no formal e novas propostas vindas do não formal para inclusão e articulação cada vez mais ampla da educação.

É importante, portanto, a qualidade do conteúdo exposto tanto no perfil de Pinheiro, quanto nos espaços de educação não formal que possam ser observados. Isso porque a facilidade de acesso dos jovens às redes sociais e conteúdos educativos pode desaguar no consumo de desinformação, a exemplo das *fake news*, que podem expor informações falsas.

Ao mesmo tempo em que as informações são compartilhadas de forma rápida e simples, elas também são produzidas com essa mesma agilidade. A facilidade em se criar conteúdo, publicar e distribuir na rede transformou a internet em um local passível de propagar materiais e informações que não são verdadeiras e não seguem padrões éticos e embasamento teórico. Esse tema hoje se transformou em um debate mundial sobre a influência danosa que pode causar uma ideologia e transmissão irresponsável. É o que chamamos atualmente de “Fake News” (EMMANUEL, 2020, p. 28).

Assim, a tecnologia possui essa característica de voracidade de informações confiáveis e não confiáveis, gerando um caminho para além da educação formal que se dá em sua sala de aula. Isso é ainda mais relevante na medida em que os jovens buscam nas redes sociais um entendimento relacionado às minorias e aos movimentos sociais para tomada de decisões.

Um dado merece ser trabalhado nos currículos: a presença dos jovens nas lutas por direitos articulados têm cultivado a consciência política da juventude. Estão presentes como sujeitos políticos na diversidade de movimentos sociais e na diversidade de mobilizações recentes por lutas populares, por melhoria de vida, por outras políticas públicas, por outro projeto de sociedade. Os jovens se mobilizam como atores políticos centrais (ARROYO, 2014, p. 170).

A ausência de formação aprofundada ou de conversas com professores e especialistas sobre os temas pode acarretar numa desinformação em massa. Nesse



contexto, os espaços além dos muros escolares surgem como outro rumo para a formação de consciência sobre temas relacionados à cultura afro-brasileira. A escola possui legalmente alguns pontos para formação do indivíduo, mas outros aspectos vão além do está proposto na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e afins.

A atual configuração da educação não consegue abranger os diversos diálogos que ocorrem no país, começando pelos de raça, classe e gênero. Esse olhar é corroborado quando surgem novas pedagogias para a contemporaneidade, como a pedagogia decolonial.

Walsh afirma, tendo como referência os movimentos sociais indígenas equatorianos e dos afro-equatorianos, que a decolonialidade implica partir da desumanização e considerar as lutas dos povos historicamente subalternizados pela existência, para a construção de outros modos de viver, de poder e de saber. Portanto, decolonialidade é visibilizar as lutas contra a colonialidade a partir das pessoas, das suas práticas sociais, epistêmicas e políticas (OLIVEIRA; CANDAU, 2010, p. 10).

Ou seja, o saber surge através das necessidades do espaço em que ele está, não é uma educação em que foi importada e enraizada como correta em um país. Pode ser observado, no decorrer dos tempos, um despertar de consciência nos indivíduos em relação ao seu local de subserviência em uma sociedade, provocando neles uma busca por ruptura dos moldes sociais, políticos e econômicos que vivemos (SCHWAB, 2016). Através da educação e da facilitação nas últimas décadas em relação ao contato com informações, surgem questionamentos que podem ser respondidos em alguns *clicks*. Nesse sentido, o viés que a geração Z busca para encontrar essas novas informações precisa ser acompanhado para uma averiguação e aprofundamento do que é colocado no campo online, como já alertado por Twenge (2018). Isso porque é importante que o processo educativo sobre o corpo negro não desague em mais desinformação ou até mesmo equívocos no conhecimento.

Após nossas considerações mais amplas sobre a abordagem não formal da história e cultura afro-brasileira, retornamos ao perfil de Pinheiro para estreitarmos nosso olhar sobre as estratégias comunicativas deste conteúdo digital. Uma primeira vista da linha de tempo de Pinheiro pode ser observada na figura abaixo (Figura 2):



Figura 2: Postagens mais atuais do perfil de Pinheiro.



Fonte: Adaptado de <https://www.instagram.com/uma_intelectual_diferentona/>. Acesso em 23/12/2023.

Observa-se a presença constante do rosto de Pinheiro como capa dos vídeos postados. Tal imagem reflete a abordagem visual dos conteúdos presentes no perfil, uma vez que os vídeos são constituídos pela câmera próxima ao rosto. Essa estratégia constrói o efeito de sentido de um cara-a-cara com o seguidor, conotando proximidade e intimidade entre influenciador e seguidor. Nesse sentido, Pinheiro derruba as distâncias muitas vezes presentes no ensino formal, no qual o aluno encontra-se afastado e em meio a um público maior de colegas. Nos seus conteúdos audiovisuais, Pinheiro fala diretamente a nós, possibilitando a vivência de um diálogo individual.

A legenda presente em cada capa desses vídeos permite que o seguidor navegue mais facilmente pelo conteúdo, uma vez que já está indicado o tema do vídeo. Com isso, percebemos o valor instrumental do perfil, no qual o seguidor pode criar os caminhos de visualização de acordo com seus interesses individuais. Firma-se um percurso de leitura que é independente de uma narrativa única, o que aumenta o efeito de liberdade do seguidor. O aspecto de escolha é dado quanto ao tema a ser assistido, mas o formato de discussão e a estética cara-a-cara mantêm-se como constantes.

Buscamos aprofundar ainda mais nossa observação sobre o perfil de Pinheiro ao considerarmos sua postagem referente ao dia da consciência negra, 20 de novembro de 2023. A influenciadora postou um *reels* (Figura 3), vídeo que possui a duração curta de 3min20seg, criticando um outro conteúdo em vídeo que circulou nas redes relacionado a um evento sobre o dia da consciência negra. Ela aponta as reações possíveis ao vídeo por parte do seu público, e segue explorando o debate sobre a educação étnico-racial e

as pessoas brancas em relação a uma data marcante para a população negra brasileira. A intelectual reforça o papel da branquitude de tomar consciência do privilégio de sua cor diante da sociedade, pois o vídeo que ela critica é composto por pessoas brancas ocupando a festividade de uma data que celebra o corpo negro. Uma exposição de ausência de consciência desses indivíduos sobre si e o outro no Brasil reforça a relevância da atuação de pessoas como Pinheiro na internet. Ela finaliza o vídeo afirmando o significado da data para o povo negro, significando o protagonismo dos negros nesse momento, abordando a história da data e as demandas existentes para um bem viver dessa coletividade.

Figura 3: Reels de Pinheiro aludindo ao dia da consciência negra.



Fonte: <https://www.instagram.com/reel/Cz3SAPeuTxb/>. Acesso em 4 abr. 2024.

O conteúdo do vídeo traz também uma exemplificação de situações cotidianas, as quais a influenciadora utiliza para apontar referências que são importantes para o tema. Percebemos o valor do acesso a esse conteúdo por parte de jovens e adultos jovens, especialmente aqueles entre 18 e 25 anos, que estão em uma fase de desenvolvimento de suas crenças sobre educação, trabalho, e amor (IBRAHIM; STEINBERG, 2014). Logo, usar exemplos para demonstrar situações relacionadas ao debate racial e converter esses acontecimentos em formas de demonstrar novos caminhos de leitura e aprendizado sobre o tema é algo benéfico para quem consome o conteúdo de Pinheiro.

O vídeo tem uma qualidade técnica ótima de imagem e som ao longo de seus 3 minutos e vinte segundos. Mas é a utilização de uma linguagem tanto verbal quanto visual que transita entre o formal e o coloquial o fator que mais parece contribuir para o quantitativo de mais de 590 mil visualizações deste conteúdo no perfil. Entendemos que

este conteúdo oferece uma ancoragem do tema para o público do perfil, nos termos que a ancoragem pode ser compreendida como a assimilação de um objeto social novo por meio da associação a outro evento mais familiar (BAUER; GASKELL, 2007). O sentimento de compreender a fala da intelectual desenvolve uma familiaridade do espectador com Pinheiro a partir dos modos pelos quais ela partilha seus sentimentos sobre o debate das questões étnico-raciais no Brasil.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos que o debate racial na sociedade deve ser algo constante e cotidiano, perfazendo as gerações e os jovens da Geração Z. A consciência desses indivíduos sobre raça é importante na medida em que facilita a construção de amizades sólidas e diversas entre os jovens (RIVAS-DRAKE, 2017), fazendo-os compreender que o outro pode ter uma raça diferente e não surgir desse ponto um problema, mas um olhar de curiosidade cultural e social do outro.

No universo online e das redes sociais, o jovem perfaz um caminho em busca de conteúdo no qual é importante que sejam selecionados espaços de discussão que rompam com a desinformação na era digital. Isso porque muitos debates chegam com argumentos e opiniões prontas, o que não estimula a visão crítica de quem se depara com essas informações, resultando em pontos de vistas que os indivíduos acham que são seus e colocam-se em ferrenha defesa deles.

O perfil de Pinheiro junta-se, portanto, a inúmeras iniciativas que vão discutir fora do ambiente escolar os temas essenciais do racismo, raça, autoestima, cidadania, ações afirmativas, liberdade de credo, identidade étnico-racial, ancestralidade, oralidade étnico-racial e resistência. São ações que compõem uma nova perspectiva de pedagogia e que podem pavimentar um caminho para construção de formas de ensinar sobre si e sobre o outro. São conteúdos online que se destacam por partirem do cotidiano e da adoção de uma visualidade que conota proximidade física entre espectador e influencer, comentando de forma crítica acontecimentos do dia-a-dia.

A observação crítica desses conteúdos online dentro do campo de estudos acadêmicos da educação age no sentido de melhorar o olhar sobre a educação para os jovens da geração Z na contemporaneidade, principalmente após a Lei 11.645/08 e o reconhecimento social da necessidade de inclusão de alguns jovens no debate étnico-racial. Os jovens da geração Z, especialmente os negros, são parte do futuro de uma sociedade que possui a maioria da população negra, mas que ainda pode avançar na



compreensão da relevância de sua participação nas mudanças sociais. Nesse sentido, iniciativas não formais de tratamento do tema da história e cultura afro-brasileira podem ser protagonistas na melhora da educação dos jovens dentro dos temas da Lei 11.645/08.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. Os jovens, seu direito a saber e o currículo. In: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares. (Orgs.). **Juventude e Ensino Médio**. Belo Horizonte: Editora Ufmg, 2014. p. 156 – 205.

BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com Texto Imagem e Som**. Petrópolis: Vozes, 2007.

CORTELLA, Mário Sérgio; DIMENSTEIN, Gilberto. **A Era da Curadoria: O que importa é saber o que importa! – Educação e Formação de Pessoas em Tempos Velozes**. Campinas: Papirus 7 Mares, 2015.

EMMANUEL, Simone. **Geração Z: Quem são e como se comportam os jovens nascidos na era digital**. Rio de Janeiro: autopublicado, 2020.

FERREIRA, Vítor Sérgio. **Youth Studies and Generations: Values, Practices and Discourses on Generations**. Basel: MDPI, 2020.

IBRAHIM, Awad; STEINBERG, Shirley R. (Orgs.). **Critical Youth Studies Reader**. New York: Peter Lang Publishing, 2014.

LIMA, Maria da Conceição Silva; BONA, Viviane de (Orgs.). **Processos de Aprendizagens e de Construção de Saberes nas Ações Coletivas**. Recife: Editora Ufpe, 2020.

MILLS, Charles Wright. **A imaginação sociológica**. 6.ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1982.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; CANDAU, Vera Maria Ferrão. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 15 – 40, abr. 2010.

PALFREY, John; GASSER, Urs. **Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração de nativos digitais**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

PENN, Gemma. Análise semiótica de imagens paradas. In: BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com Texto Imagem e Som**. Petrópolis: Vozes, 2007.

RIVAS-DRAKE, Deborah, et al. “Ethnic-Racial Identity and Friendships in Early Adolescence”. **Child Development**, vol. 88, no 3, may de 2017, p. 710–24.

SALES, Lucas. ‘**Racismo é estrutura que aprisiona pessoas negras**’, diz Bárbara Carine. 2023. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/racismo-e-estrutura-que-aprisiona-pessoas-negras-diz-barbara-carine/>. Acesso em: 11 dez. 2023.



SCHWAB, Klaus. **A quarta revolução industrial**. São Paulo: Edipro Edições Profissionais Ltda., 2016.

TWENGE, Jean. **iGen: Por que as crianças superconectadas de hoje estão crescendo menos rebeldes, mais tolerantes, menos felizes e completamente despreparadas para vida adulta**. São Paulo: Versos, 2018.

XYPAS, Rosiane et al.(Orgs.). **Comunicação e interculturalidade: educação, novas tecnologias e linguagens**. Recife: Editora UFPE, 2018.

